

SÉ CATEDRAL DA DIOCESE DE SANTARÉM

MISSA CRISMAL

17 DE ABRIL DE 2014

HOMILIA

AVIVAR A UNÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Na missa crismal celebramos a nossa condição de ungidos pelo Espírito Santo para levarmos o evangelho aos pobres. Ao consagrarmos o óleo do Crisma para as unções do Baptismo, da Confirmação e da Ordem e ao benzermos os óleos dos catecúmenos e dos enfermos, manifestamos a nossa fé de que o Espírito Santo, através destes sinais sacramentais, nos comunica a força e a luz, a consolação e a alegria. Como cantámos no Salmo: “Ungi o meu servo com óleo santo, estarei sempre a seu lado e com a minha força o sustentarei”. Através da unção dos sacramentos, todos recebemos o Espírito Santo e os seus dons, cada um na sua condição, para fazer da nossa vida uma bênção que irradie a alegria do evangelho.

Nesta condição de eleitos, ungidos e santificados, saúdo todos os fiéis aqui presentes. Com afecto especial os presbíteros que participam do ministério do Bispo para levar a todas as comunidades a força e a luz do Espírito Santo. Saúdo também cordialmente os religiosos (as), consagrados (as); os Diáconos Permanentes e os que se preparam para este ministério, os seminaristas, noviços e pré seminaristas, os acólitos e todos os fiéis que se disponibilizaram para participar nesta celebração da missa crismal.

O perfume da unção

As leituras apresentam Jesus como o Ungido pelo Espírito Santo. Com Ele chegam os tempos do reino de Deus, que é justiça, paz e alegria. Pela unção dos sacramentos, Jesus faz-nos participantes do dom do Espírito e da sua missão “de anunciar a Boa-Nova aos pobres; a libertação aos cativos; aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos; a proclamar o ano da graça do Senhor”. A unção irradia como um perfume, enche toda a casa, ou toda a Igreja, como o bálsamo com que Maria, irmã de Lázaro e de Marta, ungiu os pés de Jesus. É o perfume da fé que age pelo amor, da alegria que vence a tristeza.

As pessoas do nosso tempo precisam e esperam pelo perfume da unção, ou seja, a alegria e a consolação do Espírito Santo, a esperança para vencer o desânimo, o reconhecimento da dignidade para superar a degradação, a cura as feridas, a força para enfrentar as provas. As pessoas têm sede de Deus, da água viva, da beleza da graça, da misericórdia e da fraternidade. Esperam de nós o bom odor de Cristo, o

perfume da unção que recebemos e não devemos guardar mas partilhar para dar beleza e encanto à vida de todos.

Vale a unção não a função

Talvez nos preocupemos demasiado com a função, o estatuto, os títulos, a obra feita e reconhecida. Mas, como disse o Papa Francisco na Missa Crismal do ano passado, a primeira que celebrou como sucessor de Pedro, “no mundo actual vale só a unção – não a função – e revelam-se fecundas unicamente as redes lançadas no nome d’Aquele em quem pusemos a nossa confiança: Jesus”. Realmente, no mundo de hoje, a graça e o carisma convencem mais que o poder e as leis. O que toca o coração e alcança eficácia é o testemunho da humildade, do desapego, da misericórdia, da alegria. É a unção que devemos cultivar.

Por isso meus irmãos e colaboradores amigos, que partilhais comigo a unção e a missão, esforcemo-nos por reavivar a unção do Espírito Santo, por reanimar o dom que recebemos na ordenação pela imposição das mãos (1 Tim 4, 14). É o convite que nos é feito na missa crismal. Levamos o tesouro da graça em vasos de barro. Peçamos ao Espírito Santo que molde este barro de que somos feitos e não coloquemos, com a nossa auto – suficiência ou desejo de importância pessoal, obstáculos à sua acção. A configuração com Cristo é um caminho árduo a retomar constantemente, como afirma a Carta aos Hebreus: “rodeados por tão grande número de testemunhas, libertemo-nos de todo o impedimento e do pecado que nos cerca, e corramos confiantes para o combate que se apresenta diante de nós, fixando os olhos em Jesus guia da nossa fé e autor da sua perfeição” (Hb 12,1-3).

Necessidade de vida espiritual sólida

Foi nesta direcção que se pronunciou o Conselho Presbiteral na reunião de 18 de Março passado, depois da consulta a todo o presbitério. Face à tristeza e preocupação pelo abandono do ministério de alguns padres diocesanos, foi unânime a convicção dos membros do Conselho de que só uma vida espiritual sólida, enraizada nas actividades quotidianas, ajuda a alcançar a unidade e a harmonia na vida do presbítero, no actual ambiente de dispersão,

A mesma recomendação fez o Papa Francisco, na audiência de quarta-feira, 26 de Março de 2014, sobre o cuidado da vida espiritual dos presbíteros: “ Quando não se alimenta o ministério, o ministério do bispo, o ministério do sacerdote com a oração, com a escuta da Palavra de Deus, e com a celebração diária da Eucaristia e também com a participação no sacramento da Penitência, é inevitável perder de vista o sentido autêntico do próprio serviço e a alegria que deriva de uma comunhão profunda com Jesus”.

Construir fraternidade no presbitério

Outra insistência do Presbitério e do Conselho Presbiteral foi a necessidade de cuidar seriamente da união fraterna dos presbíteros, da amizade sólida, da participação nas reuniões de formação e de convívio que sustentam a comunhão eclesial, preparam o trabalho em equipa e têm grande importância na vivência feliz e harmoniosa do ministério. A fraternidade no presbitério é uma obra comum de todos. Não é justo esperar que sejam os outros a realizá-la. Nem adianta lamentar as falhas neste campo. Como nos pede o Papa Francisco na “*Evangelii Gaudium*”, não nos deixemos “transformar em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida” (EG 2). Mais prático e evangélico é cada um fazer a sua parte e dar, primeiro, o seu contributo positivo. E o contributo não deixa de pedir renúncia ao protagonismo pessoal para se abrir aos outros com amizade e humildade. Não se constrói comunidade sem conversão. Por isso, temos de tomar consciência das nossas limitações e faltas para as ultrapassar e, assim, nos convertermos à comunidade.

Ter para dar

Cuidemos da nossa fé e aprofundemos a unção do Espírito Santo. Cuidemos da fé e da fidelidade uns dos outros. Na ordenação sacerdotal, depois da imposição das mãos, o Bispo ordenante unge, com óleo do santo crisma, as palmas das mãos de cada ordenado e diz: “O Senhor Jesus Cristo a quem o Pai ungiu pelo Espírito Santo e seu poder te guarde para santificares o povo cristão e ofereceres o sacrifício”. As nossas mãos dão realmente visibilidade a muitos ritos sacramentais que santificam o povo cristão: consagram o pão e o vinho, ungem no Baptismo e na Unção dos doentes, abençoam o povo em nome de Deus e erguem-se em súplica para o Pai de todas as graças. São mãos abençoadas que se abrem para partilhar e se estendem aos outros para acolher, levantar e socorrer. São mãos para dar. Mas, para dar, temos de ter. Não posso cuidar da fé do outro se não cuida da minha fé pessoal. Assim recomendava aos presbíteros São Carlos Borromeu: “Exerces a cura de almas? Não descures então o cuidado de ti próprio para não te dares tão desinteressadamente aos demais que nada reserves para ti”.

O Papa Francisco, na “*Evangelii Gaudium*”, sem esconder a tristeza pelos que abandonam, reconhece o admirável exemplo de inúmeros obreiros do evangelho que se gastam ao serviço de Deus e dos homens (Cf EG 76). Demos graças a Deus pelo exercício perseverante e zeloso do ministério dos nossos presbíteros e peçamos-lhe que reavive em nós a unção do Espírito Santo e nos faça crescer na união fraterna e na alegria de levar ao mundo a boa nova da graça do Senhor.

É sempre tempo para aprender e para crescer. Como dizia o bom Papa João XXIII “Somos todos noviços. E vamos aprendendo dia após dia a deixar-nos conduzir pelo Senhor”. Invoquemos para o nosso presbitério a protecção de João XXIII e de João

Paulo II dois Papas que tanto marcaram a nossa época com a alegria do evangelho e a medicina da misericórdia.

+ Manuel Pelino Domingues, Bispo de Santarém